

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**AMBIENTES DE COMPARTILHAMENTO: OPORTUNIDADES EM UMA
MUDANÇA DE ERA¹**

SHARING ENVIRONMENTS: OPPORTUNITIES IN AN ERA CHANGE

**Juliana Da Fonseca Capssa Lima Sausen², Vanilson Viana Cardoso³, Daniel
Knebel Baggio⁴, Airton Adelar Mueller⁵**

¹ Trabalho desenvolvido em grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional da Unijuí.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional da Unijuí. Bolsista Prosuc/Capes.

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional da Unijuí. Bolsista Prosuc/Capes.

⁴ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional da Unijuí.

⁵ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Regional da Unijuí.

Resumo

A velocidade e amplitude com que as inovações tecnológicas têm sido desenvolvidas sugerem que a humanidade presenciará uma mudança de era (ruptura) no início da terceira década do século XXI. Contudo, o inevitável realinhamento de alguns mercados impõe novas oportunidades de negócios que podem, em certa medida, constituir paradigmas mais efetivamente favoráveis ao enfrentamento de problemas comuns, como a mobilidade em grandes centros urbanos e a escassez energética. Neste estudo, essa hipótese é abordada a partir da economia do compartilhamento. Os resultados revelam que essa tendência global se constitui em ambientes físicos e virtuais, significativamente rentáveis e contrários à ideia de posse ou propriedade, indo desde plataformas digitais até sistemas distribuídos, como a geração compartilhada de energia elétrica. Trata-se, portanto, de um novo paradigma social-organizacional voltado para a otimização de recursos, redução do tempo desperdiçado e, sobretudo, de ênfase à utilização eficaz de bens e serviços, com vistas a contribuir para a transformação e para a sustentabilidade dos negócios organizacionais, do mercado e da sociedade como um todo.

Palavras-chave: Sociedade Informacional; Ambientes de Compartilhamento; Gestão do Compartilhamento.

Abstract

The speed and breadth with which technological innovations have been developed suggests that humanity will witness a change of era (rupture) at the beginning of the third decade of the twenty-first century. However, the inevitable realignment of some markets imposes new business

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

opportunities that may to some extent be paradigms that are more effectively conducive to coping with common problems such as mobility in large urban centers and energy scarcity. In this study, this hypothesis is approached from the sharing economy. The results show that this global trend is constituted in physical and virtual environments that are significantly profitable and contrary to the idea of ownership or ownership, ranging from digital platforms to distributed systems, such as the shared generation of electricity. It is therefore a new social-organizational paradigm aimed at optimizing resources, reducing time wasted and, above all, emphasizing the efficient use of goods and services, with a view to contributing to the transformation and sustainability of business, the market and society as a whole.

Keywords: Information Society; Sharing Environments; Sharing Management.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno do compartilhamento compreende um conjunto de novas oportunidades e demandas impulsionadas pelo desenvolvimento de tecnologias no campo do conhecimento e da informação instantânea que tendem a se desenvolver em mercados globalizados, com influências diretas ou indiretas. Emerge nesse contexto um conjunto de mudanças que caracterizam a 4ª Revolução Industrial, com potencial de mudar não apenas o que os seres humanos e as organizações fazem, mas também o que de fato são (SCHWAB, 2016).

Os ambientes de compartilhamento não são novidades em certa medida, pois as necessidades humanas, organizacionais e até mesmo os fatores culturais, objeto de intervenção desse fenômeno, compreendem a trajetória do homem desde os primórdios das civilizações. No entanto, são dadas novas tratativas a tais questões, cujo propósito essencial é a otimização das potencialidades, mediante a troca de informações e interações instantâneas.

Existem pelo menos três megatendências definidas como impulsionadoras da 4ª Revolução Industrial, sendo elas: a categoria física, categoria digital e categoria biológica. Tais categorias estão transformando a forma de administrar as atividades humanas e os recursos empregados nas diferentes configurações organizacionais (SCHWAB, 2016).

Embora bastante relacionados a processos de inovação tecnológica, do ponto de vista de uma nova ideia, com potencial escalonável de alta rentabilidade, os ambientes compartilhados não precisam partir necessariamente da ótica do lucro, mas podem resultar em grandes negócios. Por exemplo, quando criado em 2003, o Facebook se propunha a organizar um diretório de estudantes da Universidade Harvard, com fotos e informações básicas, que até então não existia na versão online. Porém, foi com a veiculação de anúncios publicitários que a rede social se tornou um negócio bilionário. Mais recentemente, o UBER revolucionou a forma das pessoas se locomoverem pelo mundo, em especial nas grandes metrópoles, porque conseguiu reunir a maior frota de veículos, sem sequer possuir uma unidade própria.

Diante da apresentação de tais questões, este trabalho tem como objetivo proporcionar um

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

entendimento ampliado sobre os ambientes de compartilhamento, com vistas a contribuir com a formação de novas agendas de investigação, fomentando a discussão no âmbito das ciências sociais, sobretudo na área da Administração. Desta forma, busca-se analisar como esse provável paradigma tem revolucionado alguns negócios e como pode afetar as organizações e a sociedade como um todo, sobretudo, o papel do administrador.

2 METODOLOGIA

O estudo proposto neste trabalho é de natureza social e aplicada. Social, pois tem como campo de investigação a realidade social; e aplicada, considerando que tem por finalidade gerar conhecimentos para aplicação prática, direcionados à solução de problemas específicos, envolvendo tanto realidades como interesses direcionados (GIL, 2016).

Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa, pois busca aprofundar-se no mundo dos significados (MINAYO, 2016), utilizando metodologia não-estruturada, baseada em pequenas amostras, proporcionando insights e compreensão do contexto do problema (MALHOTRA, 2012). Referente aos objetivos, o estudo configura-se como pesquisa exploratória. Este tipo de pesquisa é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado, buscando compreender o problema enfrentado pelo pesquisador (MALHOTRA, 2012).

O ensaio-teórico acerca da temática proposta foi realizado através de coleta de dados secundários. Dados secundários correspondem aos fatos que o pesquisador pode conseguir por meio de outras fontes, de acervos já existentes (MINAYO, 2016). Para este trabalho, foram utilizados como instrumentos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica foi realizada em livros, artigos e endereços eletrônicos, de fontes nacionais e internacionais, voltadas para a temática abordada e seus contextos de aplicação. A pesquisa documental (em resoluções) foi utilizada como suporte à pesquisa bibliográfica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Ambientes de compartilhamento: uma análise contextual

Para responder o problema de pesquisa, é necessário que algumas questões em torno do surgimento da administração enquanto ciência sejam brevemente pontuadas. Nesse sentido, a primeira questão está relacionada com a preocupação do engenheiro e mecânico estadunidense Frederick Taylor (1856-1915), na medida em que Taylor (1990) empenhou-se em promover a racionalização do tempo e dos movimentos, perspectiva essa que entende-se estar em voga nesta segunda década do século XXI, ainda que diante de outro cenário.

Embora Taylor não tenha vivenciado e tanpouco previsto tamanha revolução da tecnologia informacional, a engenharia contemporânea, em termos de função-algoritmo, revela-se fortemente voltada para a otimização do tempo, redução de perdas e melhoria dos processos administrativos. Neste último caso, destaca-se a contribuição do teórico francês e engenheiro, Jules Henri Fayol (1841-1925), sobretudo em decorrência das funções do administrador - planejar, organizar,

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

comandar, coordenar e controlar (FAYOL, 1989).

Sendo assim, o principal propósito que surge no escopo desse novo fenômeno da sociedade contemporânea é uma significativa preocupação com o tempo, decorrente de um processo sugestionado a partir da identificação de demandas globais. Ou seja, antes de mais nada, ofertar um ambiente de compartilhamento é proporcionar uma solução imediata e, também econômica e motivadora, direcionada a um determinado grupo de pessoas.

A partir daí, o negócio se fundamenta nas escolhas pessoais e não na intenção do negócio que opera nos bastidores do processo de disseminação de um novo método para otimização do tempo. Portanto, a forma com que os ambientes de colaboração se propagam na rede mundial de computadores se baseia no efeito de rede (network effect) em que o valor de um bem ou de um serviço tende a aumentar, na medida em que um número maior de usuários passa a utilizar os recursos disponibilizados (DOWBOR, 2016). Essa interação online entre pessoas constitui um amplo cenário de oportunidades para outros negócios.

Conforme bem destaca Anderson (2012), o processo de fazer coisas costuma permanecer da forma com que ocorria em meados do século passado. No entanto, a cultura digital proporcionou uma nova metodologia, mas que já não pode mais ser chamada de processo inventivo. Neste sentido, há uma nova forma de inovação, chamada de remix ou upgrade, uma vez que em grande parte os projetos se inspiram em algo anterior. Logo, a criatividade se manifesta tanto na imaginação das obras originais quanto na reinterpretação de obras existentes, pois a margem para que algo seja inventado do zero torna-se bastante remota, dando-se ênfase para o aprimoramento colaborativo de ideias. Eis aqui mais uma característica dos ambientes de compartilhamento que é a coprodução, a partir da personalização de produtos e serviços, de acordo com a demanda de determinado grupo alvo.

Outra qualidade indissociável dos ambientes de compartilhamento é a constituição de bancos de dados que reúnem uma gama de informações dos usuários, posteriormente utilizadas para a elaboração de estratégias de apresentação, sobretudo de renderização algorítmica das ferramentas. Isso supõe que a força de um negócio que oferta um ambiente de compartilhamento pode ser tanto em razão dos resultados financeiros acumulados, como do volume do seu banco de dados. Esta foi, possivelmente, uma das falhas do Orkut, rede social que sucumbiu frente à ascensão do Facebook, dada a sua incapacidade de identificar o comportamento dos usuários. Em outras palavras, o perfil do usuário precisa ser retroalimentado pelos desenvolvedores, mediante constantes sugestões de novas experiências virtuais. Do contrário, a ferramenta torna-se obsoleta, sujeita à fácil substituição, ainda que por outras ferramentas que apresentam layout e tecnologia algorítmica inferior.

As oportunidades vão desde pequenas ferramentas ou metodologias com potencial de conceder solução a problemas comuns, preferencialmente relacionados ao cotidiano das pessoas e organizações, como redes de relacionamento e compartilhamento de informações que desafiam as normas de diferentes regiões do planeta, bem como a cultura desses locais. Alguns dos principais

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

negócios que se popularizaram no final dessa segunda década do século XXI ajudam a compreender como ocorrem as interações entre usuário, serviços, produtos e mediador. A LinkedIn Corporation, fundada em 2003, conecta quem está procurando um emprego, com as empresas que ofertam vagas. Esse ambiente evoluiu para uma rede de relacionamento profissional entre os usuários do primeiro grupo, mas isso somente se consumou mediante a reconfiguração da versão inicial da ferramenta, ou seja, com a percepção e intervenção em tempo do mediador, gestor responsável pela ferramenta.

A Netflix, criada em 1997 e organizada inicialmente para locar e distribuir filmes em DVDs, despachando-os por correspondência, inovou com o propósito de aproximar as produtoras de filmes com os telespectadores, em meio a um cenário de eminente extinção das mídias físicas (DVDs). Com base nesta estratégia implementada pela empresa, a acessibilidade em logística e preço para o público assistir uma gama de filmes e produções do mundo todo, compensa as perdas da indústria cinematográfica decorrente da pirataria.

O Mercado Livre Inc., criado em 1999, aproxima pessoas que desejam vender algum produto ou serviço daquelas que desejam comprar. Além de permitir anúncios, a plataforma regula o pagamento, envio e entrega das mercadorias. Em paralelo, a empresa de jogos Playstation, fundada em 1994, inovou com o fenômeno do compartilhamento quando passou a oferecer um ambiente de interação entre jogadores, desenvolvedores, produtores e gamers. Para isso, a empresa criou e implementou um programa de incubação de desenvolvedores.

Mas embora grande parte das empresas de compartilhamento ofereçam ambientes virtuais, tem havido um crescente aumento de propostas voltadas para ambientes físicos, como é o caso do UBER, que conecta usuários a serviços de transporte de pessoas, e do Airbnb, que opera na mesma ótica, porém voltado para a locação de acomodações. Visando melhor sintetizar a atuação das principais companhias mundiais, que oferecem ambientes de compartilhamento, o Quadro 1 apresenta suas características e formas de atuação.

Quadro 1 - Principais empresas de ambientes de compartilhamento

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Empresa	Data de Criação/Sede	Solução para o Usuário	Produto/Serviço	Forma do Ambiente
Uber	2009 - EUA	Mobilidade	Transporte de pessoas	Virtual e Físico
Netflix	1997 - EUA	Entretenimento	Cinema online/streaming	Virtual
Playstation	1994 - Japão	Entretenimento	Jogos online	Virtual
Kindle	2009 - EUA	Cultura/Leitura	Comércio de livros digitais	Virtual
Airbnb	2008 - EUA	Hospedagem	Oferta de acomodações	Virtual e Físico
Amazon	1994 - EUA	E-commerce	Produtos e serviços variados	Virtual
Xbox	2001 - EUA	Entretenimento	Jogos online	Virtual
Spotify	2008 - Suécia	Entretenimento	Música online/streaming	Virtual
Google Play	2012 - EUA	Tecnologia	Distribuição de app	Virtual
Wix	2006 - Israel	Ferramenta Virtual	Criação de sites	Virtual
Waze	2008 - Israel	Mobilidade	Mapa colaborativo	Virtual

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Portanto, face ao contexto de ascensão tecnológica; às demandas globais de otimização do tempo, de redução de perdas e de melhoria dos processos administrativos; e diante das abordagens que regem a relevância e as aplicações dos ambientes de compartilhamento, é necessário compreender os principais desafios e oportunidades da utilização destes ambientes de compartilhamento para os usuários e para as organizações.

3.2 Desafios e oportunidades em ambientes de compartilhamento

Embora os ambientes de compartilhamento sejam considerados oportunidades de transformação e desenvolvimento de negócios, algumas empresas têm tido dificuldade para expandir seus ambientes de colaboração para determinados países. A Airbnb, por exemplo, foi impedida de atuar na Alemanha, em 2016, sob a alegação do governo local de que o serviço compartilhado de acomodações representava uma ameaça aos serviços de hotelaria do país. Medidas drásticas foram adotadas, inclusive, com a aplicação de multa equivalente à 100 mil euros. No Brasil, acompanhou-se recentemente a disputa entre os serviços de táxi e a regulamentação do UBER, principalmente nas grandes metrópoles. No entanto, o Congresso Nacional editou, no início de 2018, lei que permite o transporte privado de passageiros.

Tais fatos denotam que determinados negócios tendem a sofrer resistências de parte de alguns governos, dada a mudança abrupta que podem provocar em economias tradicionais. Neste

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

sentido, é provável que novas ferramentas sejam apresentadas, sobretudo em áreas estratégicas como mobilidade, saúde, beleza, recursos energéticos, entre outras. Porém, impactos podem se refletir tanto na economia como no aspecto social, destacando a oferta de empregos e reconfiguração da natureza do trabalho às expensas das legislações vigentes.

Outras questões preocupantes que emergem com os ambientes de compartilhamento dizem respeito ao que Schwab (2016) destaca como impactos positivos, negativos e desconhecidos. Como exemplo, a ampliação dos ambientes virtuais ao ponto de integrá-los com o cotidiano humano, em especial com a implantação de chips de identificação baseados na tecnologia Near Field Communication, pode contribuir para a redução de desaparecimentos, permitir diagnósticos precoces na área da saúde e disponibilidade de dados pessoais para uma infinidade de possibilidades. Por outro lado, reduz-se a privacidade, aumentando o potencial de vigilância, sendo constatado também o surgimento de problemas como distrações, déficits de atenção, escapismo e vício. Além disso, uma espécie de paradoxo pode surgir e afetar as relações organizacionais, embora altamente conectadas, uma vez que as pessoas podem gradativamente perder a capacidade de comunicação face a face.

No âmbito do desconhecido, as mudanças culturais poderão afetar sobremaneira as organizações, mudando inclusive a natureza e a forma relacional da espécie humana, entre si e com o ambiente. A identificação em tempo real de qualquer evento ou ação, em escala global, exigirá novas estratégias de negócios, cuja capacidade de processamento deverá superar os computadores mais potentes, até então conhecidos, em pouco mais de uma década. A publicidade direcionada também tende a se intensificar, exigindo cada vez mais pontualidade das empresas em relação aos seus produtos e na forma de se relacionar com seus clientes.

Produtos e serviços inteligentes, bem como novas expectativas dos usuários e consumidores estão reconfigurando alguns negócios e forçarão a mudança de outros, sob pena da sucumbência. Os novos modelos operacionais serão inevitavelmente afetados, aquelas organizações que não optarem pelo incremento colaborativo precisarão desenvolver pelo menos a inovação colaborativa em seu espaço interno. No entanto, em alguns casos, o consumidor exigirá, de qualquer forma, uma maior interação com o produto e/ou serviço e isso se explica com base no “novo indivíduo”, cuja definição de identidade, de moralidade e de ética estão passando por profundas mudanças, dada a relevância da conexão humana.

Pode-se sugerir, de antemão, alguns requisitos para quem deseja atuar em ambientes colaborativos, especialmente sob a condição de agenciador de negócios conectados. Destaca-se, de qualquer forma, que o perfil empreendedor deixa de ser uma opção e, assim como os processos de inovação, torna-se uma necessidade de sobrevivência nas organizações. O que também se verifica neste âmbito é uma relativização da já relativizada teoria contingencial.

Nesse sentido, destacam-se as seguintes competências: promover inovação constante; aproximar pessoas; resolver problemas comuns e já conhecidos; otimizar o tempo e gerar economia de recursos; gerar informações e manter banco de dados; analisar fluxos de informações e fazer

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

ajustes para adaptação às preferências do público e megatendências; potencial de se sobrepor às normas contrárias, enfatizando o benefício coletivo; contribuir para a qualidade de vida das pessoas; auxiliar governos a resolver problemas estratégicos; aderir a causas sociais e promover a integração de ideais em benefício da população.

As empresas também podem desenvolver ferramentas que permitam uma conexão mais efetiva com os clientes, profissionais e pessoas em geral, bem como para o gerenciamento e tratamento de informações de domínio público, para fins de proporem soluções direcionados a problemas globais. Essa iniciativa é o mínimo que se pode esperar das organizações na contemporaneidade, uma vez que na ótica do movimento Makers (ANDERSON, 2012) qualquer pessoa com uma ideia de serviço pode comercializá-lo com a ajuda de ferramentas editáveis, lançando-se em um mercado de bilhões de potenciais clientes ou usuários, sem mesmo ser um especialista no desenvolvimento de softwares.

Com a expansão dos ambientes de compartilhamento, cresce a economia de compartilhamento, o que conseqüentemente exige uma performance de gestão voltada para a administração de tais ambientes. Nesse sentido, projeções mostram que a economia compartilhada deverá movimentar mundialmente US\$ 335 bilhões em 2025, ou seja, 20 vezes mais do que se apurou no ano de 2014. O Brasil também tende a se inserir nesse novo mercado. Segundo especialistas, em médio prazo, o Produto Interno Bruto (PIB) do setor de serviços pode contar com 30% de participação da economia compartilhada (PEGN, 2018).

Uma das tendências globais audaciosas mais emergente do que se imagina é a locação de veículos autônomos, focando principalmente na substituição da propriedade ou posse pelo uso de bens e serviços (OLIVEIRA; LEAL, 2016). Trata-se de uma solução para o alto número de veículos nas ruas das grandes cidades que, além de dificultar a mobilidade, torna o ritmo de trabalho em centros de elevada população desgastante. Neste aspecto, há que se considerar também a melhoria da qualidade de vida da população que residem locais.

Cabe destacar que as mudanças não se restringem ao meio urbano. No meio rural, já se tem soluções disponíveis no Brasil. Por exemplo, a startup Agrishare, que intermedia aluguel de maquinário agrícola, projetou faturar R\$ 1,5 milhão a R\$ 2 milhões em 2018 (PEGN, 2018). Por conseguinte, novas oportunidades de negócios surgem com a megatendência do compartilhamento. Entretanto, não é suficiente que se compreenda tal fenômeno apenas no plano teórico, sendo também relevante a realização de pesquisas empíricas neste sentido.

3.3 Solução compartilhada no campo energético

A abordagem sobre economia de compartilhamento pode refletir em aplicações diversas em nossa sociedade. Ou seja, além de serem desafiados a regulamentar e harmonizar as ferramentas de compartilhamento com as leis vigentes, os governos também estão tendo que incrementar diversas ações compartilhadas, quando se trata de serviços públicos.

No Brasil, a geração distribuída de energia elétrica é uma realidade desde 2012, quando a

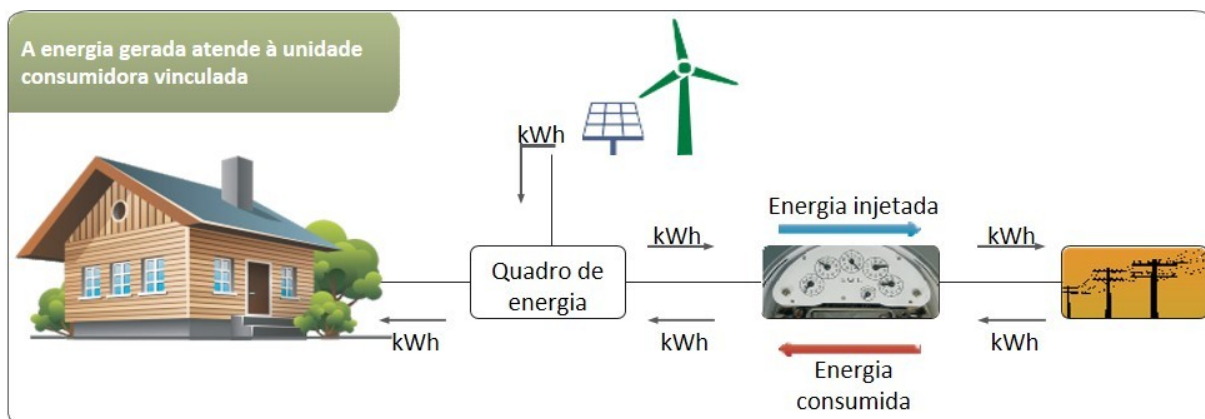
Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) criou o Sistema de Compensação de Energia Elétrica (ANEEL, 2012). A partir daí, o processo de microgeração (até 75 kW) e minigeração (até 5MW) de energia elétrica, transferido aos sistemas de distribuição e à respectiva compensação, passou a ser uma política oficialmente adotada pelo governo brasileiro, resultando em ajustes nos procedimentos de distribuição de energia elétrica do Sistema Elétrico Nacional (PRODIST) (ANEEL, 2016). A diferença entre microgeração e minigeração distribuída decorre da capacidade da central geradora de energia elétrica e do limite para compensação (créditos). Ainda em 2015, o termo “geração compartilhada” (ANEEL, 2015), passou a ser utilizado para exemplificar o funcionamento da política.

O compartilhamento de energia adota os mesmos pressupostos das ferramentas mais conhecidas, pois funciona a partir da reunião de consumidores. O processo de compensação é um mecanismo bastante interessante, senão o principal diferencial do compartilhamento energético. Conforme explica a ANEEL (2016, p. 15), “esse sistema permite que a energia excedente gerada pela unidade consumidora com micro ou minigeração seja injetada na rede da distribuidora, a qual funcionará como uma bateria, armazenando esse excedente”.

Com base em tais aspectos, a Figura 1 ilustra o processo de compartilhamento energético. Basicamente, a função do equipamento de medição instalado na residência é registrar o fluxo de energia injetada, assim como já feito em relação ao consumo.

Figura 1 - Processo de geração e compartilhamento de energia



Fonte: Adaptada de Aneel (2016).

A forma compartilhada permite que o excedente possa ser reaproveitado por outra unidade consumidora, dispensando-se que o usuário possua baterias para armazenamento, bastando que esteja cadastrada no mesmo condomínio. Esse processo é regulado por um equipamento de medição especial, homologado pela ANEEL e instalado pela concessionária. Assim, o consumidor

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

terá um crédito em sua fatura mensal, com validade do remanescente de até 60 meses, que pode ser abatido no consumo das unidades cadastradas (ANEEL, 2016).

A busca por soluções energéticas sustentáveis ainda é uma tarefa em curso, talvez uma constante na história da civilização humana desde o século XXI. E embora a literatura se manifeste favorável à produção de energia limpa, há outros entraves que não podem ser negligenciados, conforme pode ser demonstrado através do caso da demanda por baterias de lítio, utilizadas em equipamentos que armazenam energia de fontes fotovoltaica, eólica e outras, ou até mesmo empregadas para o funcionamento dos veículos híbridos e elétricos.

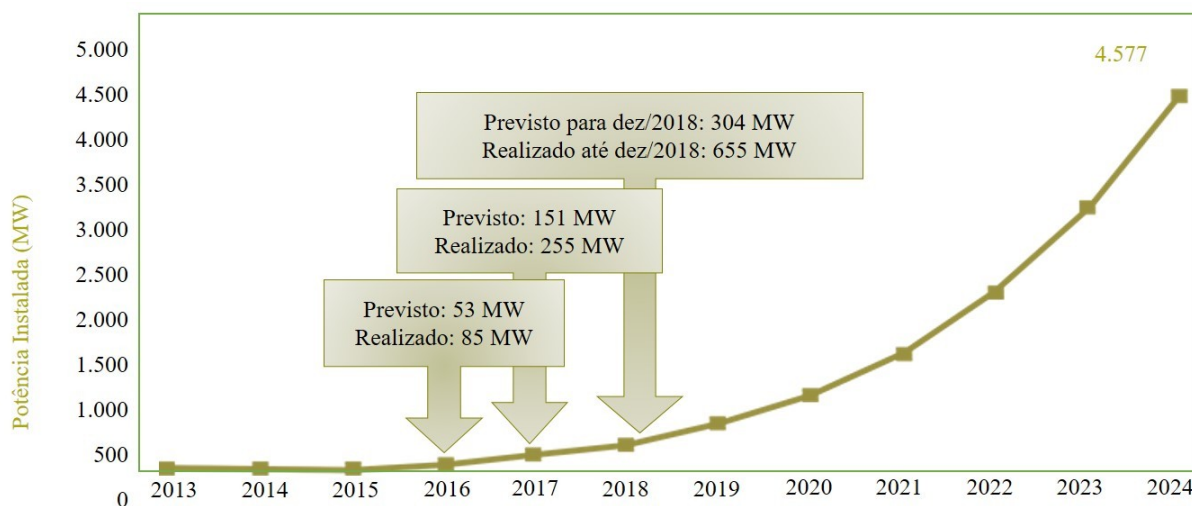
Assim, o compartilhamento energético seria capaz de cumprir com um papel primordial no uso sustentável dos recursos energéticos, principalmente no sentido de dispensar a necessidade de armazenamento da energia produzida nas residências. Não apenas as famílias, mas também as empresas podem adotar o compartilhamento energético (entre plantas industriais e escritórios). Há oportunidades também para novos negócios, como no segmento de importação e produção de equipamentos para geração de energia residencial, bem como em serviços de instalação e manutenção ou até na organização e gerenciamento de consórcios e de cooperativas voltadas para a geração e distribuição compartilhadas.

O compartilhamento energético no Brasil é uma política recente, que ainda não apresenta volume expressivo. Porém, na medida em que esta estratégia se torna conhecida e conforme forem aumentando os subsídios para aquisição dos equipamentos, possivelmente poderá se concretizar como uma solução para a crise energética. Afinal, com as constantes altas na tarifa nacional, é provável que se torne mais atrativo gerar a própria energia.

E uma vez mantida a política atual de compartilhamento energético, os consumidores que produzem a própria energia, poderiam injetar os excedentes (energia gerada e não consumida) na rede da distribuidora e utilizá-la para abater até a totalidade da conta de uma ou mais unidades, desde que do mesmo titular. Projeções revelam que até 2024, cerca de 886.700 novos consumidores poderão receber créditos da geração e distribuição compartilhada de energia elétrica (ANEEL, 2019), conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 - Projeção de geração de energia compartilhada até 2024

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa



Fonte: Aneel (2019).

Portanto, apesar de algumas limitações e de ainda ser uma abordagem recente neste novo cenário de ascensão tecnológica, a economia do compartilhamento - em suas mais diversas esferas de implementação - pode vir a se constituir como estratégia promissora de sustentabilidade, não só para o mercado organizacional em suas plataformas virtuais e físicas, como também de sustentabilidade para nossa sociedade, em um contexto mais amplo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em todos os aspectos apresentados, este estudo cumpriu o objetivo de propor uma abordagem reflexiva acerca dos paradigmas que emergem frente às limitações e oportunidades das realidades e demandas contextuais globais; com foco na economia do conhecimento como alternativa sustentável perante o cenário atual de ascensão tecnológica, administração do tempo, mobilidade em grandes centros urbanos e escassez de energia.

A economia do compartilhamento tem se manifestado em distintos contextos e com uma velocidade surpreendente. Chega-se ao tempo em que se faz necessário criar e implementar ferramentas com a finalidade de organizar as inúmeras opções de otimização de tempo e de ativos disponíveis para uso no mundo todo. Como visto, as transformações são sistêmicas e se retroalimentam por meio de ambientes colaborativos e interativos.

cenário, o diferencial é voltado para a capacidade, precisão e velocidade com que as organizações e os empreendedores terão de identificar soluções para os problemas mais urgentes do mundo contemporâneo. Por fim, essa será a maior garantia de que novos negócios, por mais resumidos que sejam, em pouco tempo terão potencial de concorrer com tradicionais empresas ou até mesmo suprimi-las, destacando-se no mundo dos negócios. Portanto, a economia do compartilhamento se constitui em ambientes físicos e virtuais, significativamente rentáveis e contrários à ideia de posse

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

ou propriedade, indo desde plataformas digitais até sistemas distribuídos, como a geração compartilhada de energia elétrica. Trata-se, portanto, de um novo paradigma social-organizacional voltado para a otimização de recursos, para a redução do tempo desperdiçado e, sobretudo, com ênfase na utilização eficaz de bens e serviços, com vistas a contribuir para a transformação e para a sustentabilidade dos negócios organizacionais, do mercado e da sociedade como um todo.

Desta forma, constata-se contribuições do estudo para a otimização de abordagens relacionadas à economia de compartilhamento, suas aplicabilidades e à sustentabilidade organizacional e global; assim como sua relevância para acadêmicos, docentes e teóricos das áreas da administração, desenvolvimento e economia, e para profissionais atuantes nestas áreas, em áreas afins e em projetos direcionados à ambientes de compartilhamento.

Por fim, com o objetivo de aprofundamento do estudo, sugere-se estudos de caso ou estudos multicaso em ambientes de compartilhamento, considerando diferentes escalas territoriais. E com a finalidade de agregar contribuições ao estudo, recomenda-se a realização de pesquisas teóricas e empíricas em outros tipos de ambientes de compartilhamentos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. **Makers: a nova revolução industrial**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

ANEEL. Agência Nacional de Energia Elétrica. **Resolução normativa nº 482, de 17 de abril de 2012**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 abr. 2012. Seção 1, p. 56.

ANEEL. **Resolução normativa nº 687, de 24 de novembro de 2015**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 dez. 2015. Seção 1, p. 45.

ANEEL. **Micro e minigeração distribuída: sistema de compensação de energia elétrica**. 2. ed. Brasília: ANEEL, 2016.

ANEEL. **Geração distribuída: regulamentação atual e processo de revisão**. Brasília: ANEEL, 2019.

DOWBOR, L. Articulações em rede na era do conhecimento. In: JUNQUEIRA, L. A. P; CORÁ, M. A. J. **Redes e intersectorialidade**. São Paulo: Tiki Books, 2016. p. 13-40.

FAYOL, H. **Administração industrial e geral: previsão, organização, comando, coordenação, controle**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2016.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, C. E. E; LEAL, T. A. C. B. **Considerações sobre os veículos autônomos:** possíveis impactos econômicos, urbanos e das relações jurídicas. n. 16. Brasília: CONLEG/Senado, 2016.

PEGN. Pequenas Empresas e Grandes Negócios. **Economia do compartilhamento deverá ser responsável por 30% do PIB de serviços.** Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/10/economia-do-compartilhamento-devera-ser-responsavel-por-30-do-pib-de-servicos.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

SCHWAB, K. **A quarta revolução industrial.** São Paulo: Edipro, 2016.

TAYLOR, F. W. **Princípios de administração científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 1990.